

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V — Número 1.414

Quarta-feira, 4 de Julho de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE — 5339-C
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A PATRONAL PRETENDE QUE OS GUAR-
DAS-NOTURNOS SE TRANSFORMEM EM
AGENTES A SUA ORDEM, COM CUMPLI-
DADE DAS AUTORIDADES.



Os “desgraçados” senhorios

NOTAS & COMENTARIOS

Perante a sua afilhada situação A BATALHA propõe que se aprove a seguinte lei:

«Art. 1.º — Passam os proprietários urbanos à condição de inquilinos, satisfazendo assim as suas mais caras aspirações.

Art. 2.º — Fica revogada a legislação em contrário.»

Foi entregue ao Senado pela Associação Lisbonense dos Proprietários, em seu nome e em nome dos proprietários e agricultores do norte de Portugal, uma longa reclamação na qual se chorava em todos os tons a «situação insustentável» dos detentores da propriedade urbana.

Não se pôde num simples artigo refutar, ponto por ponto, esse documento complexo, ardido de má fôr. Esse trabalho compete a outro organismo, que não deixará sem resposta as patacoadas com que, mais uma vez, se pretende burlar o público.

Entretanto não podemos deixar de fazer hoje alguns comentários e pulverizar certos argumentos que os pobres proprietários apresentam para assumir uma atitude de vítimas quando, dia a dia se prova, que eles são os mais desumanos carrascos.

Diz o documento em referência:

«Sem sombra de exagero, podemos afirmar a v. ex.^{as} que não há ninguém tam sacrificado pela actual situação como em regra, os proprietários urbanos, e, a despeito disso, contra nenhuma classe tem feito como contra eles, uma tam persistente, injusta e tendenciosa campanha.»

Sacrificados eles, os proprietários! Que dirão esses milhares de inquilinos que pagam rendas exageradíssimas? Que dirão aqueles que se vêem iniquamente escorregados de suas casas, as mobiliadas na rua, as crianças chorando e dormindo ao relento?

Falam e argumentam os senhor-mensais, os inquilinos não paga-

viam senão a miséria, a insignificância de \$60.

Mas os desgraçados proprietários não supunham decerto, quando vieram com o argumento dos seis tóstões para público, nos quais conheciamos tam bem ou melhor do que eles essa questão excepcional do inquilino de Alcântara.

Esse inquilino pagava é certo, em velhos tempos de vida barata, \$60 de renda de casa. O senhorio, porém, foi-lhe fazendo sucessivos aumentos que chegaram até 4.800, sem que o inquilino mostrasse descontentamento. Um dia o senhorio vendeu o prédio e o novo proprietário recusou-se a receber-lhe as rendas, obrigando o inquilino a depositá-las na Caixa Geral dos Depósitos. Mas como o primitivo senhorio, no intuito de furtar-se ao pagamento de contribuições, nunca valorizou a propriedade, nem participou que recebia mais dinheiro pelo aluguel, o inquilino depositou a renda legal que era de seis tóstões apenas.

Não, os senhores proprietários não falam nestas cousas, limitam-se a chorar porante o parlamento uma pobreza de que não sofrem.

Julgaram esses cavalheiros ter apinhado um trunfo de efeito seguro que comoveria o povo, que atrairia sobre eles as simpatias de toda a gente. Há um inquilino—disseram—que só paga seis tóstões de renda. Os seis tóstões desse inquilino—um inquilino de Alcântara—tanta vez foram agitados que se não soubessemos o que são os senhorios, chegaríamos a supor que em vez de rendas de 200, 300 ou 400 escudos

Art. 1.º — Passam todos os proprietários urbanos à situação de inquilinos, satisfazendo assim as suas mais caras aspirações.

Art. 2.º — Fica revogada a legislação em contrário.

“Turst” e traste

Um jornalista conhecido que tem uma sólida e justa reputação de impenitente blagueur referindo-se numa conversação particular e amena a uma combinação que vem a finalizar no *trurst* das águas minerais acrescentou sorridente: —Só faltava o *trurst* das águas. Por que o traste da água já nos temos: — é o Carlos Pereira.

Em torno todos sorriam aprovativamente...

Cumplicidade partidária

O sr. Carlos Pereira é correligionário político do sr. Moreira de Almeida director do *Dia*. Frequentes são as vezes que à porta aliudido jornal párâm automóvel e alguém dele se apeia. O automóvel é do sr. Carlos Pereira, o visitante é o próprio Carlos Pereira.

Não devemos pois fazer admiração por ontem *O Dia* publicar um longo e monótono artigo defendendo o sr. Carlos Pereira. Esse artigo vem recheado de mentiras e de insíndias. O sr. Carlos Pereira, glorifica-se talvez pelo seu próprio punho. Os que defendem a cidade e a população dos perigos de que estão ameaçada são ferozmente atacados. No aliudido artigo afirma-se, sem pudor de deturpar a verdade, que no conício do Alto do Pina estavam apenas 32 pessoas.

Pretende-se também que nós, os atacarmos o sr. Carlos Pereira por este prejudicar a cidade, o fazemos para preparar a revolução social.

A quanto obriga o sr. Carlos Pereira para se defender dos justos ataques que lhe movemos e a quanto desce o partidarismo de *O Dia* que defende um homem por ser correligionário sem se importar no atentado que comete contra os interesses da população.

Art. 1.º — Passam todos os proprietários urbanos à situação de inquilinos, satisfazendo assim as suas mais caras aspirações.

Art. 2.º — Fica revogada a legislação em contrário.

CRÓNICAS DE HAMON

A POLÍTICA INTERNACIONAL

continua a desenvolver-se sempre no mesmo sentido, isto é, no sentido do acréscimo do caos e da instabilidade económica, política e social

A Alemanha e o Ruhr

A política do Ruhr produz os frutos amargos que previmos tanto na *Ere Nouvelle* como no *Evel Breton*, há já bastantes meses. Só se colhe o que se semelha. O governo do Bloco Nacional, os jesuítas do «Comité des Forges» se reúnem em Janeiro. Aproxima-se para eles o momento da colheita, porque a mês bem depressa estará madura. Por isso, todos veem presentemente o que só alguns observadores viam há mais de 6 meses.

Todos os grandes jornais britânicos

mostram apreensivos: o *Times* que

relate como um espelho-fiel a opinião

do *Cité*, o centro do poder económico

britânico, o *Observer*, o *Spectator*, órgãos semanais defensores da política conservadora, sem falar de todos os jorna-los liberais.

Falam e argumentam os senhor-mensais, os inquilinos não paga-

cousas muito mais móvel que os preços do trabalho, e daí como consequência, o empobrecimento incessante dos operários, dos camponeiros, dos empregados, dos comerciantes, dos industriais.

Só enriquecem os que podem transformar os seus marcos em moeda estrangeira, ou em aumento dos seus imóveis, fábricas, etc..

Mas este enriquecimento constrói-se sobre a ruína da massa, e é mais aparente que real: porque não apresenta nenhuma segurança.

Este enriquecimento não existe aliás senão para uma pequena minoria. Manifesta-se pelo aumento da maquinaria das grandes firmas. E' o verso da medalha cuja outra face é o empobrecimento intensivo.

O *Tempo*, ou seja por ignorância, ou por má fé, só凭ate manifestações de enriquecimento. Para ele, a órbita oculta a floresça.

Não sabe ou não querer afastar-se para melhor apreender o conjunto. Recusa-se a analisar os efeitos nas várias direções dos diversos fenômenos sociais na Alemanha.

Os jornais ingleses veem mais claro. E constatam a miséria crescente em toda a Alemanha, a sub-alimentação de todos os salariados, a mortalidade infantil, crescente, assim como o aumento das doenças de miséria. E presentem a celeridade crescente das massas esfomeadas, celeridade atiçada pelos patriotes germânicos, os proprietários, os militares que não compreendem que a celeridade popular os atingiria em primeiro lugar.

A Revolução está incubada, amadurece. Em breve se desencadeará. E' o grito da Inglaterra conservadora, que tem medo, realmente medo do cataclismo continental tão próximo. Todos os sintomas, ela os assinala com inquietude. E sob a sua aparente fria, a sua celeridade cresce contra os autores destruidores. A França imperialista do Bloco Nacional.

Os conservadores britânicos esquecem-se de se verem ao espelho. Se o fizessem, ver-se-iam, também como autores do próximo cataclismo. São eles os autores do tratado de Versalhes, mais ainda que o velho Clemenceau.

E a política do Ruhr outra cousa não é, que uma consequência direta de Versalhes. Continua-o e completa-o.

Na verdade em 1921, os britânicos viram o perigo, mas só o viram quando para elas tinham extraído a substancial

medula do pobre tratado. E viram-no para a instabilidade dos preços das

Bloco Nacional e os seus empregados, os ministros franceses.

O sr. Stanley Baldwin procura retratar a direcção da política europeia da qual o sr. Poincaré se apoderou quando viu o sr. Bonar Law recuar ante as bravatas nacionalistas franceses. Conseguilo-há, sem dúvida, mas será tarde de mais para impedir o desenvolvimento lógico e natural dos actos precedentes.

O oriente europeu e o próximo oriente

Consegui-la-há tarde de mais porque a política britânica persegue duas leis ao mesmo tempo: A paz com a Alemanha e a guerra com a Rússia. Certamente que a habilidade dos políticos russos forçou lord Curzon a adiar para outra ocasião a guerra que tinha em vista. Mas esta será uma ameaça constante enquanto o governo britânico estiver por uma fração nas mãos dos magnates de Curzon.

Lancemos um golpe de vista sobre o que se passa em Lausanne, na Bulgária, na Roménia, na Polónia, na Tchecoslováquia, na Iugoslávia e na África do Sul.

Na Bulgária o governo do golpe de estado é nitidamente reacionário, contra os camponeiros, pelos proprietários da terra, e contra a aliança com a Rússia Soviética. O «Eco da Bulgária», órgão oficial do governo, ingenuamente confessa.

Na Polónia, o ministro Witos é reacionário, a favor dos grandes proprietários, contra os pequenos e médios camponeiros.

Na Roménia, o rei faz namoro ao novo governo búlgaro, falando-se a umião das reais espardigas.

Na Iugoslávia, os panslavistas mostram-se descontentes com a atitude da Roménia. Pouco faltou para ajudarem os camponeiros búlgaros. Mas os italianos do fascista Mussolini ameaçaram a Iugoslávia contendo-se em rosas sem se mexer.

Mas todos estes acontecimentos não têm nenhuma significação aos olhos dos democratas da Tchecoslováquia. Estes pretendem a paz com o fim de sanear a sua moeda, seguindo processo idêntico ao Gran-Bretanha. Vendendo-se por isso forçados a tributar fortemente as implicações. O que era a oposição dos magnates polacos, romenos, hungares e búlgaros; achando-se a Tchecoslováquia ameaçada duma ruptura das suas publicações. Quasi tanto aconteceu com os socialistas do Partido dos Independentes.

As organizações políticas dos trabalhadores, as Unidades Operárias, foram consideradas ilegais, embora fossem registadas em Setembro de 1922; todas as sedes foram encerradas e confiscadas.

Porque não—respondemos. A noite está quente e no meio quarto asfixia-se.

Portugal é com muito prazer que o ouço.

Para que se veja quem lucrou com

o restabelecimento da pátria polaca.

A NOVA REFORMA DO ENSINO

O povo trabalhador é quem mais pode lucrar com a sua aplicação

Não vamos aqui analisar, pelas razões expostas no artigo precedente, as bases da nova reforma de instrução.

Essas bases, em número de vinte e quatro, constituem, sem contestação dos seus próprios adversários, o trabalho mais completo que em Portugal se tem feito sobre ensino público. Nele se atende a todos os graus e vários aspectos da instrução, de harmonia com as mais modernas concepções pedagógicas, estando tudo logicamente relacionado, de modo a formar um todo harmônico, com um fim bem determinado a atingir.

A mulher que é sendo alvo da violência freqüentes vezes, por necessidade, devido a uma questão judicial pendente, procurará ao cartório.

Este caso vem projectar alguma luz

sobre a maneira ignobil como na Boa-

Hora se encara a dignidade dum mu-

lher—e dum mā,

tar, em que poderiam interessar o povo

as reformas dos outros graus de ensi-

no, dos liceus e outras escolas, as quais

com pouquíssimas exceções, tem sido

para o povo, como alimento do espírito,

o mesmo que para o alimento do

povo são a Garrett, o Tayares e outras

casas semelhantes?

As próprias escolas de ensino técni-

co, as escolas industriais e comerciais,

criadas há muitos anos, com o fim de

favorecer a educação profissional das

classes pobres, embora um ou outro

bom resultado se aponte, pouco mais

de tanto lado, que se pudesse dizer

que se estava realmente numa demo-

cracia política e que se comprehendia

que só com o povo instruído é que,

nos tempos modernos, se pode viver

como nação civilizada; para que não tem

terremos a grande maioria.

Era isso que, em regra, se não via

nas reformas e reformas de

que tanto abundava nos governantes e

dirigentes, as que se encontram em pi-

ores condições, sobre todos os pontos de

vida, aparte as exceções que há em

tudo, são as que mais diretamente in-

teressam o proletariado. Onde nos en-

contramos mais atraídos em relação

ao países dirigentes da civilização ocidental, não é o ensino do Direito,

HOJE, A VILVA GOMES

Basta anunciar esta comédia para se encher o TEATRO NACIONAL

"O LÔDO", AS GREVES

Apreciação da tam discutida peça de Alfredo
—Cortez representada no teatro Politeama—

E' tam nefasta a ação da critica quando encobre defeitos como quando, com *parti-pris*, deixa de dizer verdades agradáveis a um autor, se porventura na sua obra se descobre qualquer coisa de interessante, ainda mesmo que não provenga uma utilidade imediata.

Não há rancores que possam deter a razão, como não há benevolências que possam favorecer, o que de natureza é prejudicial ou distorce.

É fácil atacar às cegas, porque a cravera mental da gente portuguesa, na sua maioria, ainda não subiu ao ponto de pensar por si, deixando de influenciar pela opinião dos outros e em cujo espírito o jornal que é todos os dias, ocupa uma situação primacial.

No barro humano, fraco e impressionável, ficam gravadas durante tempo, todas as dedadas que os mais menos delicados lhe puseram, às vezes bem grosseiramente.

O ressentimento desses vestígios impiedosos não pode, porém, ir além dos limites estritamente pessoais, adulterando a imparcialidade de quem aprecia e a cuja missão só deve presidir, a par do desejo de aceitar, a obrigaçao (é este o caso do critico) de fornecer elementos de informação, tanto quanto possível justos; porque o único tribunal, perante quem artistas, dramaturgos e criticos, tem de dar conta dos seus actos, é o público, que não perde o que enganou na sua boa fé ou lodiaram no seu simpismo.

Creimos que neste campo de favoritismo, mais o público tem que se querer do que os autores dramáticos e os actores, para quem a critica tem dado benefícios à mão cheia.

Cologuemos-nos todos, portanto, no nosso lugar e digamos sempre o que é exacto, sem ver inimigos a quem atingir nem pessoas de amizade, a quem queiramos agradar!

—O Lôdo, como o próprio título o indica, desde que se trata dum frase simbólica, não podia evidentemente aparecer aos nossos olhos e aos nossos sentidos, com a pureza e a transparência dum lago tranquilo, em que fossem reflectir-se todas as virtudes do mundo, e todos os assomos de grandeza, umas e outras, dia a dia mais raros.

Lôdo tinha de ser, o antro ignobil em que o autor faz desenvolver a ação, é escutado sem entusiasmo, principalmente porque o trabalho de Adelina é supercristiano, afirmarmos que isso não se daria com facilidade, se ele não estivesse conduzido por mão de quem não anda à apalpadela.

O primeiro acto é impiedoso de urdiu, os personagens não recorrem aos «trucos» habituais de movimentação com entradas e saídas que são hâbeis estratégias para alegrar a cena, quando as facultades do dramaturgo são reduzidas.

O lodo final apareceu agora no palco do Politeama, porque cá fôra em muitas casas de boa reputação era tanto que transbordou até lá, depois de ter passado pelas almas de muito consciencioso moralista que freqüenta Garrett, pisando o olho à mulher do amigo.

Desempenho Adelina, muito bem; Robles, bem; Amélia Rey Colaco, correctamente; Constança Navarro, com a ingenuidade requerida.

Nota final: O Lôdo dividiu a plateia em dois grupos, o que pateava e o palmeava.

O autor não gostou, como é natural, da divergência de critério, e esteriorizou o seu desagrado, avançando a passos de espectro para o lado da sala, que lá estava sendo hostil. A berraria era de ensurdecer, ninguém se entendia, e o sr. Cortez avançando a passo cadenciado, espasmódico, o que nos deu a impressão de tivesse posto umas longas barbas brancas, de estarmos vendo no «Hamlet» o velho rei da Dinamarca dirigindo a fala a seu filho! Foi um momento curioso, em que muita gente deu palmadas e pateada, sem ter a consciência do que fazia...

Nogueira de BRITO

também somos impedidos a prender essas desgraças. Calcule que missão!

Melhor elas fizessem por terminar com as causas que desenvolvem esse cancro social, mas procedem muito ao contrário os caçadeiros que pretendem moralizar a corporação dos guardas nocturnos.

Começaram a deitar e o nosso homem continuou nas suas confidências.

—O que eu depreendo, é que a tal Confederação Patronal desse uma guarda sua, uma guarda perfeitamente militarizada, armada e equipada convenientemente, decretado para a defender quando de tal necessidade ou atacar quando o julgue preciso. Pela reorganização que se está forjando consegue a Confederação Patronal um exército para cima de mil homens que ficará na sua dependência.

O dinheiro é daquele que o fornece, aquele dinheiro que nos roubam a nós.

Iamos subindo de passo com o descorrer daquela criatura.

Fretendem que a entrada para o serviço seja às 19 horas e a saida às 7 da manhã, sendo substituídos à hora da madrugada.

Será proibido falar com os inquilinos, haverá um comandante militar e quando cheire a revolução, que é o que para aí mais se inventa, não há turnos: todos os guardas são obrigados a estar nas suas áreas em pe de guerra. Mais:

aos domingos e dias feriados, quando os patrões forem com as famílias passar o dia longe da cidade, somos também obrigados a tomar conta dos seus armazéns onde diariamente se rouba o povo.

Nós não respondímos e não arredávamo-nos daí. Ouvímos com certo prazer aquela criatura que o acaso despareceu no nosso caminho. E ele ainda disse como a concluir:

—Sabe o que eu vejo nisto tudo? É uma espécie de guarda fascista. Julgo que é assim que se chama a uma tropa de salteadores que há lá para a Itália, segundo tenho lido. Mas aquilo pretendem isso mascarado, querem entrar com pé de lâ. Porém, comigo não contem. Eu não sou de políticas. Se quiserem guardar a pele e a propriedade que não roubem tanto e venham eles para a rua defendê-los, apesar de não terem razão alguma, porque são eles que pedreiro.

LOJADA DA AMÉRICA

Tem atafaiate

Uma declaração

O camarada João Caldeira, operário pedreiro, pede-nos para declarar que embora trabalhe em Belém com o salário de 16\$50, não é encarregado da respectiva obra como se pretende insinuar. Tem também as passagens pagas, mas está dentro da reclamações apresentadas pelo Conselho de Secções do Sindicato. Trabalha simplesmente como pedreiro.

Classes gráficas

Mantem-se no mesmo estado os conflitos das casas Libânia da Siva e Anuário Comercial. Se ainda não foram solucionados deve-se isso em grande parte ao sr. Júlio de Sousa, proprietário da tipografia Libânia da Silva, que se comprometeu a fixar na sua oficina os salários que ficaram estabelecidos na casa de obras do Diário de Notícias (15\$00 a 17\$00), recusando-se agora a fazê-lo, pois quer que os seus operários aceitem os salários de 11\$90 a 15\$50. Facilmente se descobre a sua intenção, a qual consiste em estabelecer a concorrência desleal que as classes reclamantes pretendem fazer terminar com a fixação do salário mínimo.

As grevistas que tem sabido manter uma altitude digna e energética, continuam dispostos a lutar até ao fim.

Para que as classes tomem conhecimento da marcha do movimento, são convocados a reunir-se, pelas 20 horas, na sede. A comissão, em face da importância do assunto, pede a comparição de todos os componentes das classes reclamantes.

EM OLHÃO

A greve dos soldados continua com a mesma firmeza

Maio grado as constantes tentativas que a patronal cá do burgo tem posto em prática para desvirtuar as intenções do actual movimento grevístico dos operários soldados, está continua no mesmo estado devido à inexplicável intranqüilidade dos industriais, que, não contentes com a exploração que já exercem, acreditam que os festeiros e, porque não dizer, os «indesejáveis»

Há mais dum mês seguiram do Porto para Valença do Minho, onde iam realizar uma sessão de propaganda associativa no Sindicato dos Trabalhadores daquela localidade, os operários Arcadiu Aragon, Miguel Hernandez e Manuel Augusto Silveira. Entre as estações de Viana e Caminha, foram abordados pelo agente da polícia de emigração Casa Branca, que os prendeu, fazendo-os apear nesta última estação, e conduzindo-os para a cadeia da vila.

Dali vieram para o Porto e desta cidade para Lisboa, conservando-os a polícia nos calabouços do governo civil acusados de «indesejáveis». Manuel Augusto Silveira foi posto em liberdade na sexta feira, mas Arcádio Aragon e Miguel Hernandez, que são argentinos e já residem há bastante tempo no Porto, devem ser hoje conduzidos à fronteira espanhola, expulsos como «indesejáveis», que é a única acusação que encontraram mais a propósito.

Ora em Portugal, que nos consta, não existe nenhuma lei que permita tal expulsão a criaturas que não cometem delito algum, e só o pretexto de «indesejável» não justifica a arbitrariedade que as autoridades vão cometer, verificando-se ainda que sendo elas cidadãos argentinos não está certo recambiá-las para a sua terra.

Ora em Portugal, que nos consta, não existe nenhuma lei que permita tal expulsão a criaturas que não cometem delito algum, e só o pretexto de «indesejável» não justifica a arbitrariedade que as autoridades vão cometer, verificando-se ainda que sendo elas cidadãos argentinos não está certo recambiá-las para a sua terra.

Enganam-nos. Estes assuntos para nós são muito melindrosos e temos sempre por elas bastante respeito e uma certa consideração. Felizmente sabemos de fonte segura as razões que levaram a Liga dos Oficiais a procederem de forma a não consentir a presença dos delegados do respectivo pessoal. E que a assembleia era dos armadores e não de oficiais da Marinha Mercante, visto que foram aqueles que a convocaram e que sempre estiveram senhores da tribuna, não para resolverem qualquer coisa de prático, mas sim para aclararem aqueles a quem elas negaram a presença.

Fizeram bem, e nesse sentido damos-lhe razão porque se estes estivessem presentes não estariam aqueles senhores 5 horas de palanque a pregar immoralidade. E assim podemos afirmar que aquilo não foi uma reunião para tratar de interesses gerais, mas sim de ataques pessoais, parecendo-nos também impossível que haja agremiações, como a dos oficiais da marinha mercante, que tal consumam. Nós por cá, senhores armadores e senhores oficiais da marinha mercante, reúnimo sempre de porta aberta e as nossas assembleias são diferentes das vossas.

A comissão administrativa, Reúne hoje, às 21 horas todos os operários mobiliários das oficinas da área do Campo de Santana. Deve-se considerar convidado o pessoal de qualquer oficina dessa área que por laço não tenha recebido convite.

Comissão de melhoramentos. — Reúne hoje, às 21 horas, sendo imprescindível que se ocupará do Congresso Corporativo.

Federación Marítima. — Reúne hoje, às 20 horas, o conselho federal para se pronunciar, entre outros assuntos, ácerca da adesão à C. G. T.

S. U. Construção Civil. — Reúne hoje o secretário administrativo com o tesoureiro para um assunto urgente.

Cabolqueiros e Fabricantes de Cal. — Reúne hoje, a assembleia geral, pelas 21 horas, para tratar de aumento de salário, devendo comparecer os delegados competentes para resolver o assunto a sós sem a interferência dos respectivos pessoais?

Músicos Portugueses. — A direção convoca sócios e não sócios a reunião hoje, pelas 15 horas, para se resolver o assunto das novas tabelas.

Fogueiros de Mar e Terra. — Reúne hoje a assembleia geral, às 19,30 horas, para se ocupar de diversos e importantes assuntos.

Grande parte das fábricas Krupp incluindo as oficinas de fabricação de trânsitos eléctricos e de construção de locomotivas estão ocupadas pelos soldados franceses. Grande número de operários estão impedidos de trabalhar nas suas oficinas. Também os operários de Frankfurt que residem nos territórios ocupados, não podem ir trabalhar porque as autoridades francesas ordenaram a suspensão de todos os meios de comunicação.

A França contra a Sociedade das Nações

LONDRES, 3. — A imprensa inglesa diz que as relações amigáveis entre a França e a Inglaterra e tan dependentes dos acontecimentos desta semana e que nela o governo inglês se vai esforçar por chegar a resoluções decisivas.

Na INGLATERRA

954 casos de variola

LONDRES, 5. — Grassa na Inglaterra a epidemia da variola. Registaram-se 955 casos.

Na Sérvia

300 milhões de francos para ma

terial de guerra

BELGRADO, 3. — O Parlamento ro

solveu aplicar integralmente o crédito de 300 milhões de francos na aquisição de material de guerra.

NA HUNGRIA

Perseguições, prisões e apre

sões de armamento

BUDAPEST, 3. — A polícia húngara prendeu 17 pessoas acusadas de est

avaliação num

conspiração contra

segurança do Estado. Nas buscas fei

ram-se 17000 francos e 10000

de material de guerra.

Realiza-se amanhã, às 20 horas, uma sessão de protesto contra a lei do imposto contribuição industrial e imposto de transacção.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Sindicato Único da Construção

Civil de Almada. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral, devendo comparecer todos os sócios.

Comissão Mista de Propaganda do Alto Pina

Realiza amanhã uma importante reunião

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

Clubes para homens

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

Um grande comício em Valongo

A população operária daquela interessante vila recebe com entusiasmo a propaganda sindicalista

Notas e impressões do enviado especial de A BATALHA

PORTO, 2.—Como tinha sido largamente anunculado, efectuou-se em Valongo, no aprazível lugar do Calvário, um comício contra as extorsões do comércio e da indústria e de propaganda sindicalista. A essa importante reunião pública, a que assistiu uma parte da burguesia da terra, fôraram delegados da Delegação Confederal no Norte, da U.S.O., daí cidade, da União Ferroviária e da Associação dos Mineiros e Anexos de Gondomar.

Afirmava-se, dias antes, que as autoridades, apesar do respectivo administrador ter concedido licença por escrito, interviriam no sentido de não permitirem a efectivação do comício, para que o povo da vila, escuro ainda nas ideias de renovação social, não pudesse escutar as verdades e as afirmações revolucionárias levadas pelos perigosos agitadores da cidade do Porto.

Porém, o bom senso predominou, e as autoridades brilharam pela sua sabedoria, à exceção do administrador e secretário, que, como quaisquer cidadãos curiosos, assistiram igualmente ao comício, dando tóda a liberdade garantida na Constituição do país, o que satisfatoriamente registaram.

Um importante comício

Pelas 11 horas, ante uma grandiosa concorrência e sob as copas das árvore serenas por falta de viração que suavizasse o calor de forno que então fazia, constitui-se a mesa, que fica composta por Joaquim Ramos Vieira, Carlos Guimarães e o autor destas linhas, respetivamente presidente e secretário.

Explícitos os fins daquela pública reunião, anteriormente já justificados em manifesto profusamente distribuído na vila em referência, usa da palavra Luís Cândido Pereira que, em nome da U.S.O., saúda o povo valonguense em geral e o operariado em especial. Cai a fundo sobre a madrice e as superluidades da burguesia, história a forma como ela se foi constituindo, a influência nefasta que ela tem exercido na vida dos povos, tiranizando-os e explorando-os com impiedosa fúria; faz um grande contraste entre a ociosidade e a opulência dos detentores da terra e dos instrumentos de trabalho e os humildes trabalhadores que, sendo os únicos propulsadores de todas as riquezas sociais, vivem em permanente miséria e sofrimento. Depois apresenta felizes imagens para demonstrar que se a burguesia estivesse dum lado só com as suas libras e os seus farpas de papel-moeda, e do outro o operariado com todos os utensílios de trabalho secundo a primeira terminaria por sucumbir à lome, enquanto que o segundo triunfar livremente na vida, porque possuindo todas as condições de produtividade, desenvolveria tóda a criação indispensável à existência de todo o ser humano.

Por fim, cita vários exemplos de vida social entre determinadas espécies inferiores, como as abelhas e as formigas, para concluir por descrever o que é a organização operária e por exortar a que todos os trabalhadores presentes, em especial os mineiros e os que se empregam na indústria louzeira, se unifiquem num sindicato profissional para a defesa dos seus direitos de um melhor bem-estar económico e social. O orador foi coroado com uma vibrante salva de palmas.

Dizem-se verdades duras e incontestáveis

Seguiu-se-lhe, pela União Ferro-Viária, o camarada Carlos Guimarães, que sauda igualmente os circunstantes em nome dos ferroviários do Minho e Douro.

Criticou asperamente o papel escamoteador desempenhado pelo capitalismo, que, acaparando todas as fontes de riqueza e toda produção, trabalhadora, provoca a carestia da vida e a consequente miséria que invade os lares das famílias proletárias.

Refere-se à urgente necessidade de todo o que trabalha se organizar, sem o que jamais poderão conquistar a felicidade a que tem jus, saindo da triste miséria a que estão votados os que se estalam nas fábricas e nas minas. Termina fazendo votos por que o sindicato dos operários mineiros e anexos seja um facto—sendo aplaudido.

Pela Delegação Confederal no Norte, o autor deste extracto, depois de saudar o povo valonguense em nome do todo o operariado do norte, encara a carestia da vida sob todos os seus múltiplos aspectos, afirmando que ela partiu desde que apareceu o primeiro burilista a ludibriar a humanidade. Vem,

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

LISBOA NA RUA

Rendimentos dos operários

Recolheu à enfermaria provisória, 7, do Hospital do Desterro, Manuel Luís Gonçalves, de 24 anos, marítimo, residente no Beco dos Biquinhos, 22-2, que a bordo do vapor francês «Ville Djibouti», fundeado em frente da doca do Jardim do Tabaco, deu uma queda muito contuso nas pernas.

No Banco do Hospital de São José recebeu ontem curativo Domingos Alves Araújo, de 20 anos, residente na rua da Bica, nos Anjos, 14-7C, que no Rossio caiu da carroça que guavia, ficando ferido na cabeça.

Agressões

No Banco do Hospital de São José receberam ontem curativo Joaquim dos Santos, de 47 anos, que no Dafundo, numa desordem, ficou ferido na orelha esquerda e cabeça; Luís Campos Neto, de 30 anos, que na mesma rua foi agredido ficando ferido na cabeça.

Entre um eléctrico e um caminhão

No Banco do Hospital de São José receberam ontem curativo Manuel Maria, de 49 anos, proprietário de carros, que na rua dos Fanequeiros foi entalado entre um eléctrico e um caminhão ficando contuso no torax.

Doença súbita

Ontem, junto à doca de Santos, adoeceu subitamente um súbito alemão cuja identidade se desconhece e que chegou já cadáver ao Hospital de São José. Depois de verificado o óbito recolheu à Morgue.

Entrados na Morgue

Na Morgue deram ontem entrada: Silvestre Lourenço, de 50 anos, natural de Arruda dos Vinhos e residente na Estrada das Amoreiras, (quinta das padres) que ali faleceu sem assistência; e dois fetos encontrados na Rabicha e Bairro América.

Horário de comboios

Comunicam-nos da C.P. que, a partir de 5 de julho o comércio n.º 17, que actualmente tem o seu terminus em Pórt-S. Bento, passa a efectuar-se directamente até Vila Nova de Gaia, a bordo dos passageiros que se destinam a Campanhã ou Pórt-S. Bento seguindo de Vila Nova de Gaia a destino pelo comboio tramway n.º 1513.

Um apelo justo

Acorrendo ao apelo por nós publicado anteontem do cego Frederico Conceição Ferreira, que necessita de comprar um violino para garantir os seus meios de subsistência, vieram à nossa redacção T. A. R. e Manuel Pereira, que nos entregaram, respectivamente, 20\$00 e 5\$00.

Horário de comboios

Comunicam-nos da C.P. que, a partir de 5 de julho o comércio n.º 17, que actualmente tem o seu terminus em Pórt-S. Bento, passa a efectuar-se directamente até Vila Nova de Gaia, a bordo dos passageiros que se destinam a Campanhã ou Pórt-S. Bento seguindo de Vila Nova de Gaia a destino pelo comboio tramway n.º 1513.

LEÃO TOLSTOI

FOLHETIM DE «A BATALHA»

HISTÓRIA DUM CAVALO

Depois, teve a ideia de fazer dar volta ao miúdo a um cavalo pardo montado por um lavrador que se apropriava. Ela parou, deitou em redor um olhar ativo, voltou a linda cabeça de lado, sacudiu-se e relinchou com voz doce e langosa. Aquel relincho deixava adivinhar promessas de amor e um desejo insaciado.

Os francolins saltavam entre os juncos espessos e chavavam uns pelos outros com gritinhos apaixonados; mas ao longe, o cucco e as calhandras cantavam de amor; as fiôres enviam,umas as outras, na brisa, o polén perfumado...

Era sou jovem, bela e forte, dizia em seus relinchos a ladina, e apesar disso, não sentia ainda as doçuras desse poderoso sentimento, e nem sequer um único apaixonado me há contemplado ainda.

O relincho iluminava com um ar de os seus deveres, que faria se é

isse bela, com o olhar em fogo, aspirando o ar voluptuosamente e estremecendo em todo o seu corpo juvenil? Porém, a ladina não gostava de se demorar nas suas preocupações. Quando a voz do cavalo russo se extinguia ao longe, ela relinchou em ar trocista, pôs-se a escavar com o casco, depois, apercebendo-se de que o velho dormia como um bemaventurado, correu para ele, para o despertar e contrariar. O pobre cavalo bragado era o bode expiatório da feliz juventude, que o torturava mais do que os homens ainda; e todavia, ele não fazia mal nem a um nem a outros.

Os homens precisavam de lhe fazer mal, mas os seus jovens camaradas, porque não o deixaram em paz?

IV

Ela era velho, elas eram novas; ela era magro, elas eram gordas; e era triste e elas alegres. Era, portanto, um estrangeiro, um ser aparte, que não podia inspirar-lhes nenhum sentimento de piedade.

Os cavalos não tem piedade senão para consigo próprios ou para com aqueles em cuja pele pudessem estar.

Era por acaso culpa do velho cavalo

bragado o elas não se assemelham aos outros por estar velho, magro, horrendo?

Parceria a qualquer, que a culpa

não era dele; mas, segundo a lógica

cavalina, era de outra forma. Ele tinha

aproximado-se novamente do ve-

lo. Uma égua de dois anos, muito es-

fortes, felizes, os que tinham o futuro

de si, os que podiam levantar a sua cauda em penacho e cujos músculos estremeciam ao menor contacto,

tinham tudo a favor deles.

Nos seus momentos de calma refle-

xão, o cavalo bragado achava, talvez,

que todos os contras estavam do seu lado, que a sua vida chegava ao seu termo e que devia pagar pelos gastos passados; mas não era mais do que um cavalo, e não podia deixar de ter impetos de revolta contra aquela morte.

As suas memórias de vida

eram:

“...Cada dia é um dia de luta,

de luta, de luta, de luta, de luta,